

### TEMPORAL DE TARDE

O rádio de experiência me dá a hora certa: são exatamente 17 horas e 56 minutos. Depois começa a roncocar de tal jeito que tenho medo de que ele arrebente, e desligo.

Olho os telhados sujos e lamentáveis sob a chuva. As chaminés do Braz expulsam penosamente sua fumaceira pesada no ar encharcado e ruim. O céu está pesado, baixo, sobre a cidade/sórdida, a cidade que trabalha. De minha janela dos fundos para leste a cidade é chata e desagradável: casas baixas de pobres, e fábricas, usinas: ruas onde passam caminhões, carroças, gente suja, crianças su-

jas. De minha janela da frente para oeste ainda se trabalhava: mas é trabalho relativamente limpo, em lojas e escritórios. Estou no limite: alguns metros além o Mercado ergue sua cúpula sobre as mercadorias, os bichos, as carnes, os legumes, os peixes mortos, o esforço de pequenos lavradores, pequenos comerciantes vorazes, carregadores suados. Caminhando para o ocidente encontrareis muitas pessoas que possuem bom gosto artístico, levam uma vida macia e amam ouvir sonatas. Eu sou o último desses patifes — e um dos perdoáveis, talvez o menos inocente e o mais melancólico. Lá em baixo há lama. A cidade dos que trabalham recebe quieta porém carrancuda a agressão covarde das nuvens: a chuva furiosa, cruel, a chuva que essas nuvens parecem cuspir com força e desprezo sobre casas feias e a humanidade feia.

Não sou inimigo da chuva. Quando tinha dez anos ia a cavalo por um caminho aberto no mato bruto, e a tempestade rebentou de repente, num estrondo, num fuzilamento furioso. Tudo escureceu e as grandes árvores uivavam no vento. Um raio caiu perto do caminho: o cavalo alucinado empinou e desembestou, louco. Então o caminho era pouco mais que uma picada, e os galhos e garranchos me batiam na cara, ameaçavam me agarrar pela cabeça, me furar os olhos, me lançar no chão. Lembrou-me que senti uma raiva selvagem, e quando o cavalo desembocou na estrada larga galopando na terra fofa e perigosa eu dava gritos de gozo e de raiva. Também no mar já enfrentei, em canoa, dois temporais vomitados com raiva pelo sudoeste — na proa. E a fúria da água e do vento me exaltavam o ódio para a ação.

Agora, porém, sou como um funcionário público e estou metodizado, amolecido e irritado pela eterna vida urbana. Essa chuva que não chega a ser violenta me dá uma sensação de impotência e muda meu tédio em um desespero mediocre. Sinto nessa chuva deliberada maldade, uma intenção ruim de castigar a cidade não pelos seus vícios, mas pelo seu trabalho, pela sua miséria, pela fealdade de sua vida crivada de aborrecimentos.

Seis e tanto. A esta hora as comerciárias estão dispersas pela cidade, acossadas pela chuva forte e irritante, paralisadas longe de seus bondes. Em geral são feias ou talvez de peregrina beleza. A chuva não faz a menor diferença. O que faz diferença é que umas estão com os sapatos furados e encharcam os pés — os pés cansados com os trabalhos em certas lojas em que é proibido sentar. Nessas lojas as moças devem estar bem pintadas, bem penteadas, ter bons dentes, trazer as unhas limpas e sorrir. Há outros menos exigentes.

Como não chove há três dias, e hoje o tempo estava bom nenhuma dessas comerciárias que moram longe podia honestamente prever que chovesse hoje. Então, portanto, desprevenidas, e enquanto umas correm molhadas pelos viadutos e ruas desabrigadas outras esperam interminavelmente sob algum toldo repleto e incômodo, na esperança de que a chuva passe logo. Ah! muito se enganam. Eu conheço essas chuvas, e eu digo com uma certeza feroz que choverá e choverá até dez horas da noite, até onze horas da noite. Se eu pudesse subir até a cidade e declarar isso pessoalmente a oitocentas, a novecentas comerciárias

que se postam sob toldos e marquises ou em portas de cafés e farmácias — elas me achariam desagradável e não me acreditariam. Essas moças, principalmente as magras, principalmente as feias, sabem esperar, são técnicas em esperança, que alimentam com os pobres recursos de seus sentimentos contrariados.

A chuva enfraquece um pouco — e nisto há peor crueldade. Assim ela evita cuidadosamente ser dramática, não se torna um espetáculo. Ela apenas chove, chove com firmeza, chove para molhar, e molha completamente. Várias moças deixam a proteção dos toldos, e muitos toldos se recolhem canalhamente. As moças se arriscam à rua, e a chuva aumenta em rajadas para ensopar os seus vestidos, para castigá-las.

Os bondes que elas esperam ainda estão roncando em ruas distantes. Chegarão já superlotados — ah! não se iludam! — chegarão cheios, incômodos, os bancos molhados, com mulheres gordas em pé lá dentro agarrando crianças e homens encharcados nos estribos. E sobretudo — oh! comerciárias, oh! patetas e iludidas — não pensem que aquele bonde seja o de vocês, o de vocês ainda vai demorar muito.

Algumas comerciárias tosem, outras tossirão mais tarde. Declaro cinicamente que várias ficarão tuberculosas. Um conquistam lugar num bonde apertadíssimo, e sentem-se esfalfadas e completamente molhadas, mas de algum modo agradecidas ao destino que lhes deu um lugar naquele bonde.

Um homem chega-se demais para junto de uma comerciária, encosta a perna na sua perna, o joelho no seu joelho.

Olha nos olhos a comerciária, que afasta os olhos aborrecida pela intrusão brutal. Enquanto o bonde se arrasta ela está pensando nos 14\$500 que não tem para comprar aquele remédio, na amiguinha que ficou de ir no sábado e não foi, na necessidade de ir amanhã na casa do tio buscar o guarda-chuva que esqueceu lá domingo. E o bonde se arrasta e para, irritado, atrás de outros bondes também cheios, também molhados e lerdos.

Uma comerciária começa a tossir uma tosse tão incômoda e nervosa que alguns passageiros e passageiras olham; ela para de tossir, começa outra vez, está mortificada pensando nos dois quarteirões e meio que terá de andar a pé do ponto de bonde até em casa. Sempre aqueles mesmos dois quarteirões e meio, a garage suja, o açougue com a conta atrazada, o botequim cheio de negros e moscas, as mesmas imagens todo o dia no caminho de casa e em casa...

6 e 23... Há comerciárias que chegaram em casa, outras que estão em bondes e ônibus, outras andam na rua sob a chuva, outras esperam enervadas, esperam. Cerca de 18 em diferentes pontos da cidade estão com dor de dentes, sendo que 12 estão com dor de dente insuportável e 8 terão sinusite. Há algumas que são doentes, outras que foram noivas e não são mais, outras já ganharam 160 mil réis e agora nesse emprego novo estão ganhando 110, outras que são feias e há dois anos e meio não são mais virgens, outras que moram em casa de uma família oriunda da mesma cidade do interior (Agudos), outras que não precisam dar nenhum dinheiro em casa e gastam tudo o que recebem em vestidos e bobagens, outras que roubam dos patrões, outras que tinham marcado encontro com namorados e não foram,

outras que estão engordando demais, outras que estão aborrecidas porque o rapaz que é revisor de um jornal e que ficara de arranjar convite para o baile, não arranjou coisa alguma aquele chato, outras que sonham com aprender inglês e taquigrafia e jamais aprenderão nem isso nem qualquer outra coisa, e, embora sejam agora relativamente bonitas, morrerão feias e desagradáveis, velhas, em um futuro cinzento e frio. Para maior desespero há cinco ou oito ou mesmo treze que são felizes, são irritantemente felizes — mas não, mesmo as que estão com seus amados, nenhuma neste instante é feliz sob a chuva cruel e cínica, nenhuma é feliz; eu me revolto contra o pensamento de que alguma possa ser feliz, mesmo as felizes terão doenças, tristes e cruas doenças que as torturarão, as pobres patetas!

7 e vinte, a chuva aperta, a chuva aumenta. Que chuva, que chova eternamente sobre esses telhados miserveis, sobre essa cidade de cimento, sobre as ruas sujas. Chovendo quarenta dias e quarenta noites, quarenta dias escuros e quarenta grandes noites negras, as águas subirão pelas paredes, lamberão e engulirão os telhados pobres, subirão, subirão, e todas as comerciárias morrerão afogadas. As comerciárias, os cães hidrófobos, os cirurgiões-dentistas civis e militares, os corretores de imóveis, as cozinheiras de forno e fogão, todos os urbanos, todos os suburbanos. Eu tomarei a minha canoa, a minha velha canoa, e remarei com força. Eu remarei suando contra os ventos hidrófobos do quadrante sul, eu remarei entre os corpos já irreconhecíveis dos capitalistas italianos e dos trabalhadores rurais de Sergipe que estavam na Hospedaria dos Imigrantes, eu remarei, eu remarei sob o céu que vomitará

água em borbotões sobre os corpos das inspetoras sanitárias e dos fiéis de bancos estrangeiros, eu remarei, eu remarei ferozmente. Os peixes já terão morrido de infecção e eu não poderei pescar.

São Paulo, dezembro, 1941.

IN: BRAGA, Rubem. "Morro do Iso-  
lamento: crônicas de Rubem Bra-  
ga". São Paulo: Brasiliense, 1944,  
pág. 97-103.